

## GILEAD E AS ORIGENS DO TOTALITARISMO

**MARIA CLÁUDIA CACHAPUZ**  
Magistrada, professora universitária  
maria.cachapuz@feevale.br



“Acorda, América”, diria June Osborne, protagonista de *The Handmaid’s Tale*, no trailer da série de televisão homônima, ao propor resistência no ambiente de censura a liberdades na alegórica República norte-americana de Gilead. Fundada numa cruzada religiosa e militar pela defesa de bons costumes, Gilead reproduz uma sociedade em que o simbólico é utilizado como elemento de caracterização do estamento social. Quando crianças, as meninas usam rosa. Na fase adulta, vermelho, verde e cinza, conforme a capacidade procriadora. Os meninos usam fardas, em tons de chumbo, identificados como guardas ou comandantes. “Sob os olhos Dele”, complementaria June.

A capacidade de estabelecimento de um movimento totalitário, tal qual em Gilead, depende da combinação de fatores políti-

cos e sociais, como identificados por Hannah Arendt em *Origens do Totalitarismo*. Pressupõe um controle das massas, por oferecer um projeto de sociedade tendente à desmistificação das ilusões

*A capacidade de estabelecimento de um movimento totalitário depende da combinação de fatores políticos e sociais*

democráticas de que o povo participa ativamente da vida política e social e de que as massas seriam um silencioso pano de fundo para a vida política. Por isso, o reconhecimento de grupo ao indivíduo isolado enquanto houver lealdade incondicional ao novo

projeto de sociedade.

É necessário ainda que haja uma aliança inicial entre a elite intelectual e os grupos marginais da sociedade. Uma afinidade entre a aversão “pela historiografia oficial” – típica da elite – e o fascínio pelo “radiante poder da fama” – próprio da ralé. Quando desmascarar a hipocrisia é tão irresistível, nem a maior restrição a direitos chega a “prejudicar essa exultação” (Arendt, 1989, p. 385). Há também o controle pela propaganda totalitária de quem é externo ao processo, seja porque pertencente a uma sociedade não totalitária, seja porque não conquistado por doutrinação suficiente.

“Tempos difíceis em Gilead”, sussurraria June Osborne ao sujeito ao seu lado, que permanece silencioso. Prudente talvez seja aguardar pela próxima temporada do seriado.

## A LUTA DE CLASSES NO BRASIL

**ABRAHÃO FINKELSTEIN**  
Empresário de Turismo  
abrahao@mercatur.com.br



Uma das ideias mais poderosas de Karl Marx (1818-1883) – e que ainda hoje alimenta o discurso de esquerda – é a “luta de classes”, que, segundo seu livro *O Capital*, seria o motor da História. Para Marx, as tensões crescentes entre os que têm muito e os que não têm quase nada seriam alteradas, cedo ou tarde, pacificamente (guerra cultural), ou violentamente (revolução), por uma nova ordem social erigida sobre os pilares da justiça social.

Não querendo me aprofundar no mérito dessa teoria, já farta-mente negada pela dinâmica das sociedades mais evoluídas, utilizo-me dela para ler a realidade nacional. No Brasil, há brasileiros de primeira classe e há os demais brasileiros, os de segunda classe. Quem são os primeiros?

Não, não são apenas os grandes empresários, os banqueiros, os grandes proprietários rurais, nem o cara da iniciativa privada que mora num triplex. Na primeira classe se alojam os altos escalões

*Fica mais fácil entender o porquê da resistência às mudanças contidas nas reformas propostas*

do serviço público, filhos diletos do Estado, titulares de cargos vitalícios e de irrevogáveis direitos. Vivem sem riscos, protegidos por leis que a cercania dos poderes viabiliza e dos quais também se beneficiam. Aposentadorias milionárias, corrigidas como se

na ativa estivessem, auxílio disto e daquilo, viagens em primeira classe, hotéis cinco estrelas, lagostas e caviar, que ninguém é de ferro.

Quem sustenta tudo isso? Você mesmo, cidadão de segunda classe, que se aposenta pelo Regime Geral (INSS), coisa por volta de R\$ 1.315,85 (STN), valor 94,15% menor do que o maior salário médio dos servidores da União e 78,93% menor do que o menor salário médio desses servidores. Compreendida a aberração, fica fácil entender a resistência à reforma da Previdência, pois ela visa acabar com privilégios para remunerar melhor quem está na base da pirâmide – justiça social, na veia.

No Brasil há luta de classes, mas nem Marx imaginaria esta.

## A CARA DA RETOMADA

**ELY JOSÉ DE MATTOS**  
Economista e professor da Escola de Negócios da PUCRS  
ely.mattos@pucrs.br



Creio que hoje já é seguro concluir que um dos elementos dos discursos utilizados nas reformas trabalhista e previdenciária caiu por terra. Me refiro à retomada econômica que elas supostamente gerariam. A reforma trabalhista foi aprovada sob o argumento de que geraria empregos. Não gerou. A reforma da Previdência, ainda que inadiável por questões fiscais, foi apresentada como um grande ponto de inflexão, a partir do qual haveria retomada da confiança e, como resultado, da atividade econômica. Não houve nem um, nem outro.

Sobre a reforma da Previdência, o que ela poderia oferecer para alimentar a confiança de investidores e empresários já está feito. E, convenhamos, não foi muito. Ela vai auxiliar enormemente na questão fiscal, mas ainda tem reduzido impacto na atividade econômica.

O caso da reforma trabalhista é diferente, porque, além de não ativar a economia, altera o mercado de trabalho de uma maneira não necessariamente positiva. Desde que ela foi aprovada, já escrevi neste espaço que ela potencialmente geraria compressão de salários e aumento da desigualdade. Os dados que temos até este momento do ano confirmam minhas hipóteses.

Neste mês, o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgou um estudo indicando que o nível de ocupação voltou aos patamares pré-crise. O trabalho traz uma notícia boa e uma ruim. A boa é que há mais emprego. A ruim é que estamos observando um aprofundamento da informalidade e elevação da desigualdade.

Os dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) indicam geração líquida de mais de 593 mil entre janeiro e agosto deste ano. No entanto, apenas 47,1% desse saldo são contratações de semana cheia, sendo que no mesmo período de 2013 eram 73,1%. Ou seja, estamos contratando jornadas menores. Sobre remuneração, comparando agosto de 2019 com agosto de 2018, houve ganho real médio de 1,3%, mas que está concentrado apenas em contratos de mais de 30 horas semanais. Para contratos abaixo de 30 horas, houve perda real média de 2,5% – para jornadas de até 12 horas, por exemplo, a perda real chegou a 4,5%.

Assim, quando se fala em retomada da economia, me parece que o mais central não é identificar se ela é robusta ou não. Ela deve acontecer, mais cedo ou mais tarde. Minha maior preocupação é a sua cara. Por enquanto, os sinais são claros: elevação da desigualdade, acompanhada por tudo de ruim que ela traz para a sociedade.

Ely José de Mattos escreve às sextas-feiras, a cada 15 dias. Segunda-feira: **Alfredo Fedrizzi**, conselheiro, consultor e jornalista.

*Argumentos para as reformas trabalhista e da Previdência caíram por terra*

### Opinião online



• **Marcelo Carneiro da Cunha**, jornalista, escritor: “É uma experiência única para um filho ver o seu pai se converter em nome do prédio onde funciona uma das melhores escolas de magistratura do país”.

**GAÚCHAZH.**

Leia em o artigo em [bit.ly/mccunhagzh](http://bit.ly/mccunhagzh)

Artigos devem ter até 2.000 caracteres. Os textos assinados não representam a opinião do Grupo RBS.  
[bit.ly/opiniaogauchazh](http://bit.ly/opiniaogauchazh) [artigozh@zerohora.com.br](mailto:artigozh@zerohora.com.br) [@opiniaozh](https://twitter.com/opiniaozh)